

Expediente

Identidade!

Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB

Vol. 05, janeiro-junho/2004

Apoio: Federação Luterana Mundial – FLM

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS

Periodicidade: Semestral

Tiragem: 2.000 exemplares

Revisão: Luís M. Sander

Diagramação e impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Capa: Valdemar Schultz

Editores: Maricel Mena-López e Ezequiel de Sousa

Endereço para contato: Boletim Identidade

Escola Superior de Teologia

Caixa Postal 14 – 93001-970

São Leopoldo – RS

E-mail: identidade@est.com.br

Sites: www.est.com.br

Obs.: São de total responsabilidade dos autores os textos por eles escritos.

Aceita-se permuta :: Exchange is requested :: Wir bitten um Austausch :: Pídese canje



Foto de uma parte dos integrantes do grupo *identidade!*



Da esquerda para a direita: (em pé) Pedro Acosta Leyva, Áurea Silva da Encarnação, Selenir C. Gonçalves Kronbauer, Pe. Romão Felisberto Capossa, (assentados) Ezequiel de Souza, Dr^a. Maricel Mena López.

Apresentação

É com muita alegria que estamos pondo em suas mãos o primeiro número de Identidade! deste ano. É o volume 5. Neste ano temos algumas novidades em nosso boletim. A partir deste número o boletim será semestral e abordará tematicamente assuntos relacionados com a negritude no campo bíblico-teológico e em outras áreas tais como: educação, saúde, história, geografia, sociologia, etc. Estas mudanças foram pensadas devido à grande acolhida que nosso boletim tem nas comunidades e esperamos que sejam de vosso agrado.

Além desta agradável novidade, este número que chega às suas mãos pretende ser uma edição especial, pois foi pensada com vistas à reunião anual da Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana RIBLA, que este ano se realizará aqui na nossa Escola Superior de Teologia nos dias 31 de maio a 5 de junho. O tema de estudo deste ano é "Raízes Afro-Asiáticas no Mundo Bíblico" e será assessorado pela Professora Maricel Mena-López (coordenadora do grupo Identidade da EST) e pelo Professor Peter Nash (antigo coordenador do grupo). Este é um evento histórico, já que pela primeira vez as e os biblistas latino-americanos negros e brancos se reúnem para discutir este assunto. Isto quer dizer que pouco a pouco vamos tendo consciência de que falar de justiça social para os grupos que têm sido escravizados e negados nesta sociedade é um assunto que compete à sociedade como um todo.

Falar de raízes afro-asiáticas no mundo bíblico implica uma revisão da nossa tradição bíblico-teológica que

muitas vezes até negou a participação dos povos negros na formação do imaginário israelita e cristão. Dizer que estávamos lá desde o princípio é uma questão de justiça social, mas isto não implica uma divisão ou sectarismo, pelo contrário, isto quer reafirmar os valores do Reino de Deus em Jesus Cristo. E nos desafia a continuar abrindo as portas da nossa Igreja tanto para as comunidades negras como para os e as excluídas.

O tema deste número é de grande relevância tanto para a comunidade evangélica negra brasileira como para as pessoas que acreditam que é possível olhar a história desde uma outra perspectiva. Apresentamos então três artigos: o primeiro lança a pergunta: por que falar das raízes afro-asiáticas na Bíblia? Este artigo é como que o pano de fundo da nossa discussão. O segundo texto aborda a questão da geografia afro-asiática a partir de algumas genealogias bíblicas. O terceiro trata historicamente da novela de José, estabelecendo paralelos com a cultura egípcia.

Finalmente queremos pedir desculpas se em alguns momentos a nossa linguagem não é de todo acessível para algumas pessoas da comunidade. De fato algumas das colocações são bem específicas do linguajar da academia bíblica. Neste número incluímos uma seção de Cartas, na qual daremos resposta às reações que a nossa publicação tem tido no país e no exterior. Também acrescentamos uma seção intitulada *Está acontecendo*, que pretende informar sobre as atividades do grupo.

Maricel Mena-López
Resp. editorial

“Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito” (Mc 8.22-25).

A tradição teológica ocidental ignorou a presença negra na constituição da Bíblia. Como demonstrado por Maricel Mena-López³, a geografia e as genealogias constantes na Bíblia acusam um intercâmbio entre a África e o povo israelita. Houve um intercâmbio em diversas áreas: econômica, cultural, étnica, etc. Os pesquisadores do Antigo Testamento, no entanto, se recusam a aceitar um intercâmbio religioso. O povo israelita se definia como um povo formado no Egito (Êx 1.7; Dt 5.6; 26.5), mas, ainda assim, este fato parece não ser levado muito em consideração.

Há a aceitação de que povos do Oriente, como a Assíria e a Babilônia, influenciaram a constituição da identidade do povo eleito. No entanto, outros povos freqüentemente citados no Antigo Testamento simplesmente parecem não influenciar em nada a religião e auto-compreensão israelita. Entre estes povos, podemos lembrar os cuchitas, os egípcios e os cananeus. Mas o que estes povos têm em comum? Como

demonstrado no artigo de Maricel, os israelitas viam todos estes povos como descendentes de Cam, ou seja, como afro-descendentes. O que faz com que a pesquisa teológica ocidental os esqueça?

Algumas hipóteses sobre a negligência da experiência e presença negra na Bíblia

Pensamos que não é por acaso que a presença negra na Bíblia é ignorada. Temos uma primeira hipótese: a presença negra é ignorada por motivos epistemológicos. Não é possível enxergar a presença negra na Bíblia porque se está cego para ela. A metodologia de pesquisa migra muito rápido para a Mesopotâmia, firmando lá suas raízes, sob o pressuposto não dito de que nada de bom pode vir da África. Trata-se de uma limitação paradigmática: os paradigmas utilizados para a compreensão da Bíblia são os norte-atlânticos, de modo que excluem a possibilidade de coexistência com outros paradigmas.

Thomas Kuhn nos auxilia a entender esta limitação paradigmática. Segundo ele, “o que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver.”⁴ Para Kuhn, portanto, o olhar do/a pesquisador/a está inserido dentro de um paradigma, que dá as possibilidades de descobertas e, também, os limites para estas descobertas. A partir disso, podemos ver que não há “objetividade” em sentido estrito, pois a experiência do leitor, seja um pesquisador ou não,

entrará como uma das chaves para o entendimento da Bíblia.

Quando Peter Nash iniciou a pesquisa sobre a existência de pessoas negras na Bíblia, não esperava descobrir que havia tamanha influência negra na constituição do povo e da história bíblica. Segundo ele, o povo israelita “caminhou na África e no Oriente Próximo; terras dos povos negros e morenos.”⁵

Ele defende⁶ que podemos falar da presença negra na Bíblia pelo menos de quatro maneiras diferentes: genealogicamente; geograficamente; mitologicamente; teologicamente: a partir de genealogias, poderemos perceber que o povo israelita tinha uma multiplicidade de origens étnicas. Isto foi demonstrado por Pedro Acosta-Leyva no seu artigo.⁷ Com a geografia, podemos entender o intercâmbio existente entre os povos africanos e os israelitas. Exemplos de trocas econômicas e culturais nos dão os reinos de Cuch e o próprio Egito. Já a mitologia permite falar da noção que os israelitas tinham em relação à irmandade dos habitantes da terra, bem como de sua cor. Para uma abordagem teológica, há a possibilidade de identificar a negritude com a opressão, de modo que ser oprimido é ser negro.

Mesmo com todas estas indicações de possibilidades de identificação de elementos e personagens negros na Bíblia, a pesquisa bíblica não tem se apercebido dessa presença. É preciso, portanto, haver uma troca de paradigmas, de modo que haja a possibilidade de visualização da presença negra na Bíblia.

Queremos levantar mais uma hipótese para essa negligência: não se

percebe a presença e influência negra na formação do povo israelita e da Bíblia porque há, ainda, muitos preconceitos etnocêntricos. O etnocentrismo é uma visão de mundo na qual há apenas uma história comum a toda a humanidade. Esta história comum tem diversos estágios, alguns mais avançados e outros menos. Os estágios mais avançados comumente são associados à cultura da pessoa que está efetuando a pesquisa.

Com este tipo de olhar, a interpretação bíblica tenderá, inequivocamente, a valorizar a cultura do pesquisador e depreciar a cultura de outros povos. Isso foi demonstrado por Pedro Acosta-Leyva, quando tratou da relação entre história e mito, onde o mito é visto como não-verdade na tradição teológica ocidental. Com esta depreciação, elimina-se parte das possibilidades de se falar de negritude na Bíblia.

Os mitos têm elementos baseados na experiência. Eles são uma forma de explicação da realidade. Claude Lévi-Strauss, por exemplo, defende que a mentalidade mítica e a mentalidade científica podem coexistir, ou melhor, coexistem simultaneamente.⁸ Se continuarmos esta linha de raciocínio, não faz sentido classificar algo como histórico ou como mitológico, como se estivessem em oposição. É preciso, portanto, superar o etnocentrismo: ele limita nossa capacidade de visão e de ação, pois de antemão cremos que nossa cultura ou experiência é melhor que a de outros povos ou grupos.

Qual a diferença existente entre limites paradigmáticos e etnocentrismo? Os limites paradigmáticos não permitem

perceber a presença africana na constituição da Bíblia. É como se não houvesse tal influência. Já o etnocentrismo pode ver essa influência, mas a minimiza ou deprecia elementos que a constituem. Rememorando o texto bíblico que inicia este artigo: a limitação paradigmática torna-nos cegos; o etnocentrismo torna nossa visão turva, de modo que não percebemos claramente, mesmo vendo.

Como superar a limitação paradigmática e o etnocentrismo?

Embora tenhamos dito que é preciso superar estes dois elementos que permitem a negligência da presença e influência africana na constituição da Bíblia, não dissemos se isso é possível ou como é possível. Nós cremos que é possível, embora não seja tarefa fácil. Com relação às limitações paradigmáticas, faz-se necessária uma revolução na pesquisa bíblica. É preciso uma mudança do paradigma que não está dando as respostas às questões levantadas pelo povo negro para um paradigma que dê conta de respondê-las.

Antes de haver tal mudança, é necessário que haja alternativas. E há. Peter Nash demonstrou que é possível identificar pessoas, lugares, tradições, etc. africanas em textos bíblicos. Basta que se façam as perguntas de um modo diferente. O paradigma atual não permite que façamos perguntas como: será que o paraíso fica na África? Esta pergunta é descartada. Outras perguntas que poderiam elucidar a questão da influência negra só poderão ser colocadas dentro de um paradigma que as permita. Esse paradigma é dado pelas

comunidades afro-descendentes, que têm perguntas a fazer à Bíblia. Essas perguntas, se respondidas, dão-nos os elementos para a construção de um novo paradigma para a pesquisa bíblica.

Quando James Cone, por exemplo, quis escrever seu livro “Teologia negra e poder negro” (*Black Theology and Black Power*)⁹, ele iniciou com a pergunta: o que a fé da comunidade negra tem a ver com sua luta política? A partir dessa pergunta, chegou à resposta de que era a fé da comunidade afro-americana que permitia e fortalecia para a luta política. A fé, portanto, pôde ser encarada como engajamento na política porque Deus mesmo era quem se compadecia das pessoas oprimidas.¹⁰ E as pessoas oprimidas eram o povo negro.

Com relação ao etnocentrismo, para superá-lo são necessárias duas atitudes: demonstrar seu caráter ideológico; aceitar uma postura mais relativista. Para demonstrar o caráter ideológico do etnocentrismo teológico, é preciso desconstruir o discurso etnocêntrico. Demonstrando-se suas limitações e incongruências, seus preconceitos, é possível propor o segundo passo. A valorização das outras culturas constitutivas da Bíblia se faz necessária, pois foi-nos negada a participação na história da salvação. Os afro-descendentes entravam na história da salvação sempre como um apêndice, na parte ligada à missão. Nunca foi sequer imaginado que estivessem presentes desde o início.

Por que falar sobre raízes afro-asiáticas na Bíblia?

É necessário falar da negritude da

Bíblia porque ela nos foi negada por muito tempo. A Bíblia foi utilizada para “domesticar” o povo negro. Com ela, pretendia-se ter um escravo mais dócil. Para tanto, não poderia haver identificação das pessoas negras com as histórias da salvação efetuada por Deus na história, apenas a salvação vindoura, espiritualizada. “É importante resgatar os valores, a integridade, a identidade e a auto-estima da pessoa negra através do livro que a excluiu e a oprimiu”.¹¹ Há a identificação do povo negro com histórias como as do Êxodo: por 430 anos escravizados em uma terra estranha. Há a esperança no livramento de Deus: o que Deus fez no passado pode refazê-lo no presente. Se ele foi poderoso para libertar os israelitas, é poderoso para nos libertar.

As imagens de Cristo que os escravizadores queriam transmitir eram de um rei distante ou a de um rei sofredor, resignado. Mas a imagem de Cristo que o povo negro no contexto de escravidão no Brasil tomou foi outra: a do Servo Sofredor.¹² Mas diferentemente do Cristo dos senhores de escravos, este não era um rei que simplesmente sofre resignadamente. Ele sofre em favor dos oprimidos, em favor do povo negro. Com isso, o povo negro vê que Jesus, com sua presença contínua ao lado dele, teve uma ação que permitiu sua dupla constatação:

a) *Percepção da existência como liberdade e não como escravidão*, fato que dava nova dignidade ao povo negro, desde a perspectiva de que estavam sendo expropriados de seu ser;

b) *Percepção de uma transcendência*,

o que permitia a luta contra a opressão, mesmo sob risco de morte, uma vez que sua humanidade era definida não pelos opressores, mas pelo próprio Deus¹³.

A reapropriação da história bíblica como sendo sua história dá novos elementos para uma significação da fé cristã ao povo negro, bem como torna-se elemento definidor de sua humanidade, na medida em que Cristo é o parâmetro da humanidade e sua vida e sofrimento têm elementos que permitem uma identificação com o sofrimento do povo negro.

Uma outra forma de ver a relação entre o sofrimento do povo negro e o sofrimento de Cristo pode ser percebida a partir do hino de Filipenses 2.6-11. Da mesma forma que Cristo esvaziou-se, o povo negro foi esvaziado. Cristo tinha a dignidade divina e renunciou a ela para tornar-se o libertador da humanidade. O povo negro teve sua dignidade humana retirada. A partir disso, talvez possamos falar de uma *kenosis* passiva ao tratarmos da experiência da escravidão negra? Não sabemos como isso seria possível no momento.

Notas

- 1 Estudante de Teologia na EST e de Ciências Sociais na UFRGS, bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico – CNPq e integrante do Grupo Identidade.
- 2 Estudante de Teologia na EST, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS, integrante do Grupo Identidade.
- 3 Cf. Maricel MENA-LÓPEZ, nesta edição de *identidade!*.
- 4 Tomas S. KUHN, *A estrutura das revoluções*

- científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 148.
- 5 Peter Theodore NASH, “Negritude na Bíblia e na Igreja”, in: *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. São Leopoldo: EST, 2003, p. 100.
- 6 Este parágrafo está baseado em Peter Theodore NASH, “Negritude na Bíblia e na Igreja”, op. cit., p. 102-105.
- 7 Cf. Pedro ACOSTA-LEYVA, nesta edição de *identidade!*, onde ele trata da novela de José.
- 8 Cf. Claude LÉVI-STRAUSS, “Pensamento ‘primitivo’ e mente ‘civilizada’”, in: *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- 9 Cf. James H. CONE, *Black Theology & Black Power*. New York: The Seabury Press, 1969.
- 10 Cf. James H. CONE, *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- 11 Adriano H. OTTO, “Nascimento de Jesus numa perspectiva negra”, in: *Abrindo sulcos: para uma teologia afro-americana e caribenha*. op. cit., p. 174.
- 12 Cf. Antônio A. da SILVA, “Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano”, in: *Existe um pensar teológico negro?* São Paulo: Paulinas, 1998.
- 13 Cf. James H. CONE, *O Deus dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1985. Em especial o capítulo 8, que trata da relação existente entre o sofrimento do povo negro e a libertação divina.

Raízes afro-asiáticas nas genealogias bíblicas

Maricel Mena-López¹

Nos meus anos de pesquisa, tenho constatado a carência de trabalhos na América Latina sobre as origens afro-asiáticas da Bíblia. Isto é, sobre as relações existentes entre povos asiáticos e africanos no mundo antigo. Durante muitos anos de pesquisa bíblica, não se estudou a participação dos povos africanos na história do povo de Deus. Até parece que somente chegamos a nos introduzir na tradição bíblica judaico-cristã a partir do período da escravidão e colonização européia. Este artigo quer, em alguma medida, corrigir este erro historiográfico sério. Quer também chegar até as comunidades negras cristãs que acreditam que é possível resgatar a nossa identidade reconstruindo a nossa memória histórica. Este material quer ser um subsídio de trabalho para as comunidades, queremos integrar a antiga discussão entre o

acadêmico e popular. E demonstrar em nossas linhas que é possível fazer ambas discussões sem uma excluir a outra.

1. O jardim do Éden fica na África?

Alguém de vocês já se fez essa pergunta? A primeira vez que eu me perguntei pelo paraíso, nunca imaginava que poderia ser na África, terra dos meus ancestrais. Mas como poderia, se até então só tinha aprendido que a África podia ser o lugar do purgatório, da morada do diabo, do inferno, mas nunca seria o jardim do Éden, o lugar onde os nossos primeiros pais Eva e Adão viviam em harmonia. Deus poderia, com sua infinita misericórdia, até nos aceitar depois de muitos rogos e penitências, mas nunca escolheria a África como sua morada. Se deus era branco, no meu imaginário, era lógico que ele não

escolheria a terra dos negros para estabelecer seu paraíso. Somente hoje, depois de muitos anos de estudo, estou convencida de que a tradição bíblica tinha raízes profundas na África, por isso a nossa pergunta não é absurda. No imaginário religioso e geográfico dos israelitas, terras da África ocupavam um lugar privilegiado. Porém é absurdo nos perguntarmos hoje, depois de mais de dois milênios de história, porque até hoje se nos foi negada a nossa participação na tradição bíblica?

A geografia do paraíso de Gn 2.10-14, datada antes de 950 a.C², fala da mais antiga menção de Cuch ou Etiópia na Bíblia. Para os antigos israelitas, a África fazia parte do Jardim do Éden, sendo um dos extremos limítrofes. Vejamos:

“E um rio saía do Éden para regar o jardim, e daí se dividia, e tinha quatro braços. O nome de um era Pison; ele percorre toda a terra de Havilah, que ali há ouro e o ouro daquela terra é bom, ali há resina e pedra de ônix. E o nome do segundo rio é Gihon; ele é que rodeia toda a terra de Cush. E o nome do terceiro rio é Hidekel, ele é o que corre pelo oriente da Ashur, e o quarto rio é o Perut” (Gn 2.10-14).

Os dois primeiros braços circundam países da Arábia e África, enquanto que os dois últimos correm em direção à Assíria e à Mesopotâmia. As perguntas que lançamos aqui são as seguintes: quais são as relações existentes entre a Arábia e Cuch? Por que estes países estão no início da lista? Será pela

importância que tinha para a cultura israelita da época? Se os israelitas deste período entendiam a África como parte do Éden, por que estes territórios foram omitidos na maioria das histórias e teologias bíblicas?

A terra fértil que rodeia o rio Pison segundo Gn 2.11, é conhecida pelo ouro, resina e pedra de ônix; todos estes produtos provêm de Havilah, no Sul da Arábia. A árvore de bdélio que dá a resina cresce particularmente na Arábia; também a pedra de ônix foi encontrada em vários lugares do Iêmen. É provável que este ouro de excelente qualidade provenha das minas de *Ašam*.

Hávilah, é conhecido especialmente pelas fragrâncias das resinas e incensos. Encontramos referências a esta terra também em Gn 25.18. Este texto nos informa que a descendência de Ismael, filho da escrava egípcia Agar, teria habitado “Hávilah até Shur, que está do lado leste do Egito, na direção da Assíria”. Mas o que tem a ver esta terra árabe com a região africana de Cuch?

De acordo com Gn 2.13, Cuch é o segundo braço a ser mencionado, e se localiza na região sul. A África faz parte do jardim do Éden. Contudo, na história da investigação deste texto, há a tendência de tirar Cuch do continente africano. Inclusive há uma corrente de pesquisadores que considera impensável que a África seja parte da demarcação do mundo feita pelos antigos israelitas. Alguns autores sustentaram a hipótese de que o rio Pison seria o rio Tigre da Mesopotâmia, porém não há nenhum rio

da Mesopotâmia com esse nome. Também foi sugerido o rio mais importante de Jerusalém e da Judéia, o Jordão. Mas considero estas hipóteses pouco sustentáveis.

A identificação com o rio Nilo é feita a partir da informação fornecida pelo mesmo texto de que a terra que rodeia o rio Gihon é Cuch. Encontramos outras referências a este rio em 1Rs 1.33,38,45; 2Cr 32.30; 33.14. A partir destas referências podemos dizer que, no Antigo Testamento, os cuchitas estavam organizados em dois grupos. O primeiro está situado ao sul do Egito; e o segundo cruza o Mar Vermelho, incluindo a Península da Arábia, estendendo-se até a Mesopotâmia (Tigre e Eufrates)³.

A partir disso há fortes indícios que me levam a afirmar que a Arábia seja território cuchita (e esta hipótese já foi defendida por mim na minha tese doutoral), e que os países africanos influenciaram a cultura semítica ocidental, tese já sustentada por vários pesquisadores africanos e norte-americanos, como Martin Bernal. Como vimos, os textos bíblicos desde muito cedo estabeleceram essa ponte entre a África e a cultura ocidental, porém, como já falávamos, essa história nos foi negada.

Diante deste quadro, percebo que as minhas percepções negativas com relação ao continente africano não eram infundadas, pois a tradição bíblico-teológica cristã na qual me inscrevo fez de tudo para me fazer acreditar que da África não podia sair nada de bom. E

essa experiência não é somente minha, ela se estende às muitas comunidades negras latino-americanas que tenho tido o privilegio de acompanhar. Perceber que estávamos lá no jardim do Éden desde o princípio, é uma descoberta fascinante para as comunidades negras. Chegam neste momento à minha memória os olhos brilhantes e saltitantes de tia Eufrásia, Seu Dito, Julio, Ivelin e Betty, entre outras tantas pessoas da comunidade negra que se emocionam com estas descobertas. Entendemos isto como um caminho importante para a recuperação da nossa herança bíblico-teológica.

2. Os nossos ancestrais estavam na Bíblia?

Esta segunda pergunta também parece absurda para aquelas e aqueles que nós chamamos de cristãos. Absurda pelo fato de sermos herdeiras e herdeiros de uma tradição com um discurso universalista de inclusão de todos os povos e culturas que se assumem como cristãos. O Deus que conhecemos não exclui ninguém, contudo, esse discurso universalista escondeu, durante muitos séculos, a nossa participação na cultura bíblica. Para a maioria dos cristãos, é absurdo pensar que na Bíblia temos a presença de africanos, ou melhor dizendo, de pessoas negras ou “pretas”, como usualmente nos chamam. Muitos pesquisadores chegam até admitir que o Antigo Médio Oriente foi habitado por “morenos”, “mulatos”, meio “negri-nhos”, porém nunca negros, e menos

ainda “pretos”. Então de onde saíram essas tonalidades? Se para os israelitas não era absurdo que de um só pai como Noé saíssem filhos tão diferentes, por que isso é tão impensável para os eruditos da Bíblia?

A Bíblia nos ensina que o povoamento do mundo se deu a partir da genealogia de Noé, que está registrada no texto de Gn 10. Estes textos são a maior ponte de identificação entre a África Antiga e o Antigo Israel. O patriarca Noé concebeu três filhos: Sem, Cam e Jafté. Os descendentes de Cam são: Cuch, Mizraim, Put e Canaã (Gn 10.6). Dos quatro filhos de Cam, três se instalaram na África e um na Ásia. Mizraim se instalou no norte da África. Mizraim se tornou o nome hebreu para designar o Egito. Cuch habitou o sul do Egito, Put, o terceiro filho de Cuch, é situado na Somália; estes povos desceram ao sul do continente, constituindo a nação dos povos Bantu. E Canaã corresponde à terra dos israelitas.

A primeira coisa que se tem que ter em conta ao estudar Gn 10 é que este capítulo é produto literário de duas tradições ou fontes literárias distintas, a Javista Gn 10.8-19,24-30 (usualmente datada na metade do século 10 a.C.) e a Sacerdotal Gn 10.1-7;20-23 e 31-33 (usualmente datada do século 5 a.C.) Estes escritos têm intencionalidades diferentes.

De acordo com a fonte Javista, o Egito (Gn 10.13-14) teria influência sobre os territórios europeus⁴. Cuch (Gn 10.8-12), por sua vez, teria influência na Arábia e na Mesopotâmia, pois Cuch, é

listado como tendo relação com Betel, Accad e Nínive⁵. A fórmula “X gerou Y” é característica da tradição mais antiga, quer dizer; da tradição Javista. Esta tradição faz alusão às influências políticas e econômicas destas nações dentro desses territórios, idéia essa que se deriva da mesma raiz do verbo *yld*, (gerar; tornar-se pai”. Cabe notar aqui que no Antigo Testamento há numerosas referências à Cuch, ou antiga Etiópia⁶.

Na lista das nações, segundo a fonte Sacerdotal, Egito é um dos filhos de Cam junto com Cuch, Put e Canaã (vv. 6-7). A fórmula “os filhos de X são Y” é característica desta fonte Sacerdotal: “os filhos de Cuch: Sabá, Hévila, Sabata, Regma e Sabataca, os filhos de Regma: Sabá e Dadá.” (v. 7). Sem dúvida, estes compiladores acreditavam que os povos da Arábia eram descendentes dos africanos, ou que estiveram sob seu domínio. Esta idéia veio da tradição Javista. Assim, a tese de que Cuch teria influenciado política e economicamente os povos árabes, continua adicionando um elemento importante, a filiação. Para a tradição Sacerdotal, a relação entre estes povos do horizonte afro-asiático dá-se em termos da filiação da humanidade.

Os irmãos Cuch e Egito aparecem juntos em muitos textos deuteronomistas. Em Is 20.3-6, Egito e Cuch são nações militarmente poderosas, capazes de dar a Judá esperanças de evitar a invasão assíria. Em Is 45.14 exalta-se o produto do Egito, as riquezas de Cuch e os povos de Sabá por sua grande estatura.

Em ambas as tradições, as genealogias das terras africanas são apresentadas como principais. Enquanto que as passagens javistas evidenciam influências políticas e econômicas, nas passagens sacerdotais essas influências aparecem como relações genealógicas. Enquanto a fonte Javista apresenta o quadro de influências africanas como primárias dentro do mundo, a fonte sacerdotal descreve um mundo no qual a influência africana é importante em razão da ancestralidade, da filiação e da irmandade. Esta relação genealógica é importante para a preservação da identidade étnica. Por isso, converte-se numa chave hermenêutica importante para as comunidades negras. Isto significa que os nossos ancestrais deixaram para nós também esse legado bíblico que potencializa os nossos anseios de justiça para o povo negro.

No antigo Testamento há diferentes formas que incluem *Cush*: há referências de nomes de indivíduos: Cush (Sof 1.1); de lugares: Cushan (Hab 3.7); e pessoas nomeadas como cuchitas. Fontes arqueológicas e bíblicas relacionam Cuch com o Egito em diferentes contextos (Ez 29.10, 30.9; Sal 68.31; Na 3.8-9; Is 20.3-5). Em 1 Rs 19.8-13 e Is 37.9, se conta que o rei Taraca de Cuch entrou em combate com Assíria. Este rei pertence a 25ª Dinastia Cuchita, que comandou o Egito no período de 727-656 (Clayton 1994: 190-193).

O termo *Cush*, e suas derivações, é empregado 40 vezes no AT. Foram os negros que batizaram a terra dos

cuchitas de Etiópia, e esse título não necessariamente corresponde à localização da Etiópia atual. Heródoto nos diz que os etíopes ocuparam o país imediatamente ao sul de Elefantina (...) onde se chega a uma grande cidade chamada Meroé, esta cidade diz ser a capital da Etiópia (Heródoto II.9). Há acordo total entre os estudiosos de que o reino de Cuch seria o que é na atualidade o Sudão ao sul do Egito. Na Odisséia de Homero os cuchitas foram identificados como os mais remotos dos homens. Em séculos recentes (400 anos atrás), o termo Cuch foi utilizado para designar as partes da África habitadas por “pessoas pretas”. E, em 1800, foi utilizado para incluir toda a África “preta”.

3. Concluindo

Neste artigo me propus fazer uma aproximação histórica às origens das antigas civilizações cuchitas e suas relações com o povo israelita. A tese fundamental é a afirmação de que o império cuchita é essencialmente africano, que ele se teria formado a partir do povoamento saariano. A população cuchita teria saído da região de Camarões ou da região dos grandes lagos, indo para o norte, isto é, o sul do Egito, estendendo seu domínio até a península da Arábia. Isto permitiu migrações constantes de tribos árabes para o Chifre da África. Os que migraram para o sul do continente formaram a grande família Bantu.

Uma das primeiras referências a respeito das relações de Cuch com o

litoral do Iêmen chegou dos textos veterotestamentários. As genealogias bíblicas de Gn 10.1-32 e a história de Ismael (Gn 21.8-21 e 25.12-18) falam que os descendentes de Ismael formaram as tribos da Arábia. Estes descendentes ismaelitas se uniram aos habitantes cuchitas já existentes na península da Arábia.

No imaginário e na cosmovisão dos israelitas, existe uma forte influência dos povos do sudeste e do sul – extremo e limite do mundo⁷. A vida política, social e religiosa do povo hebreu também se situa no horizonte afro-asiático. A influência ou participação da África nas histórias bíblicas me possibilita observar uma multiplicidade de tendências religiosas e culturais, assim como étnico-raciais, das origens do povo israelita. Assim, permite-se ter uma interpretação paralela ou, por que não, complementar da história “do povo de Deus”, quase só vista a partir da ótica ocidental.

Para finalizar, é importante lembrar que o interesse deste estudo é a inclusão da história e da geografia da África como um dos espaços socioculturais que influenciaram a vida política e econômica da Palestina. Pois a tendência de minimização de qualquer influência africana no Cânon hebreu ainda continua nos dias atuais, e considero isso um erro sério da historiografia tradicional. Mas esta inclusão não pretende justificar a participação destes povos na tradição judaico-cristã, e sim, pelo contrário, resgatar a pluralidade cultural e religiosa como elemento

importante na reconstrução da memória histórica e geográfica desta tradição. Assim queremos possibilitar ainda um diálogo intercultural e religioso com as comunidades e religiões de origem africana em nosso continente, as quais motivam as minhas inquietações bíblico-teológicas.

Notas

- 1 Maricel Mena-López é professora de Antigo Testamento na Escola Superior de Teologia. Coordena o grupo de pesquisa Identidade da EST.
- 2 Esta datação corresponde à primeira menção de Cuch no texto Massorético hebreu. Etiópia, no texto grego do Antigo Testamento (LXX), é mencionada durante o reinado do rei Salomão; confira Otto EISSFELDT, *The Old Testament – An Introduction*, Nova Iorque, Harper and Row, 1967, p.164-170.
- 3 Isaac EPHRAIM e Cain H. FELDER, “Reflections on the Origins of the Ethiopian Civilization”, em *International Congress of Ethiopians Studies* (Novembro, 1983) Addis Ababa, Ethiopia. Conferir a discussão apresentada ao longo do segundo capítulo.
- 4 Sobre a influência da África sobre territórios europeus confira Martin BERNAL, *Black Athena – The Afro-Asiatic Roots of Classical Civilization*, New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.
- 5 Confira Modupe ODUYOYE, *The Sons of the Gods and the Daughters of Men – An Afro-Asiatic Interpretation of Genesis 1-11*, Maryknoll: Orbis, 1987, p. 24-17.
- 6 A lista sumaria das passagens bíblicas de Cuch/Etiópia pode ser consultada em James STRONG, *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, Nashville, Thomas Nelson Publishers, 1979, p. 230 e 312.
- 7 Veja Gn 2,13; Js 1,4; Sf 3,10.

Introdução

Em pleno dia, na hora em que as aves vão ao rio e o estômago ronca, apareceu um ser de voz inquietante e, entregando a Pepito uma sacola com 5 Bíblias, disse-lhe: Distribua-as e cria comunidades!

Passado um tempo prudente, um tempo que podes imaginar-te, apareceu de longe um ser cuja cabeça – se é que se pode chamar de cabeça – era em forma de polvo. Quando aquele ser se aproximou de Pepito, evidenciou-se que a cabeça não era um polvo, e sim poucos cabelos compridos em uma cabeça quase careca de um grande biblista. O biblista havia sido enviado pelo ser da voz inquietante. Aproximou-se ainda mais de Pepito e perguntou: Distribuístes as Bíblias?

Sim, todas foram repartidas, porém em partes – respondeu Pepito.

Como em partes, se tu dizes que todas foram distribuídas? – perguntou, confuso, o ser de poucos cabelos compridos em sua cabeça quase careca.

Pepito, com voz carinhosa e suave, respondeu: Por aqui passaram poetas pedindo poesias, e eu dei o livro dos Salmos; passaram revolucionários, e lhes dei Êxodo e Josué; passaram pobres, e lhes dei os Evangelhos; pentecostais, e lhes dei os Atos dos Apóstolos; visionários, e lhes dei Daniel e Apocalipse; matemáticos, e lhes dei o livro de Números, e assim...

Louco, louco! – repetiram em coro o ser de poucos cabelos e o ser de voz

inquietante, e acrescentaram – A Bíblia não pode ser lida em partes.

Então, vozes dos quatro pontos, vozes cujos rostos quase destruídos estão se formando cantaram “No pouco foste fiel, sobre muito te colocarei”. E de repente uma nuvem da terra clamou: Muitos têm a Bíblia completa, porém não vêem os afro-descendentes filhos de Asenat; têm a Bíblia completa, porém não escutam o clamor das mulheres, dos iraquianos-persas, dos palestinos...

1. A Bíblia é uma história afro ou contém histórias afro?

As respostas a essa questão teriam algum tipo de valor se primeiro perguntássemos: o que se entende por **história**? Provavelmente é este o principal obstáculo com que os afro-descendentes nos deparamos ao aproximar-nos da Bíblia. A análise da Bíblia tem levado à criação de ciências como a arqueologia bíblica, que se destaca pela posição concordista caracterizada pela frase: “Os restos de vasos de barro e peças arquitetônicas mostram e reafirmam o que a Bíblia disse”. Esta posição que visava a demonstrar a verdade dos fatos a partir dos “restos materiais”, como sabemos, rápido se deparou com a perturbadora realidade de que muitos dos acontecimentos narrados na Bíblia não coincidem com a interpretação arqueológica dos materiais descobertos. Por outro lado, é enorme a lista de estudiosos que defendem que a Bíblia não se pode tomar como história, e, mais ainda outros,

como Oscar Cullmann, expressam que a Bíblia é uma obra onde mitos e realidade são considerados como fatos. Porém, em realidade, que entendem os arqueólogos e Oscar Cullmann² como história? Qual é o conceito de história que eles têm? Com certeza, se tomamos o conceito de história europeu clássico, teremos que estar de acordo que a Bíblia não é um livro cujas narrativas de fatos possam ser consideradas históricas. Os historiadores clássicos europeus e, por causa da educação os teólogos formados sob a influência de seus conceitos e categorias históricas não conseguem um entendimento plausível que esteja de acordo com a fé que pressupõe a veracidade das narrações bíblicas. Por isso é comum escutar certos teólogos dizerem, *Isto é verdade histórica e aquilo simplesmente faz parte do imaginário da época*. Von Rad, por exemplo, diz categoricamente: "A crítica bíblica se encarregou de destruir alguns elementos deste panorama. Numerosas narrativas, particularmente da época dos patriarcas ou de Moisés, são reconhecidamente lendárias e não podem servir, como tais, de documentos úteis à reconstituição exata dos acontecimentos históricos"³. Qual é a história que não faz parte do imaginário e das lendas de uma época? Quando lemos a existência de um homem chamado Sócrates, acaso não estamos lendo a imaginação que teve um tal de Platão que escreveu sobre seu mestre? E se lemos as grandes façanhas de Alexandre Magno, não será que estamos lendo a maior parte da imaginação de um puxa-saco da corte que por medo ou outros

motivos escreveu dessa forma? Estas perguntas já foram formuladas por muitos pensadores como Espinoza, Nietzsche e outros⁴, que estão em total acordo com a afirmação questionadora de Maquiavel⁵:

Ninguém deve deixar-se enganar pela glória de César, tão decantada pelos escritores; porque a verdade é que esses escritores foram, ou corrompidos pelo dinheiro de César, ou atemorizados pela longa duração do império que conservou o seu nome, e que não permitia que se falasse dele com liberdade.

Seguindo o conceito de história europeu para aproximar-nos da Bíblia, nos defrontaremos com muitas dificuldades para uma correta interpretação. Não se deve interpretar a Bíblia com olhos exclusivamente europeus, porque os códigos dos escritores do AT e NT correspondem a uma cosmovisão cujos referenciais conceituais estão determinados pelas confluências de muitas culturas e de dissímiles etnias. Portanto, consideramos que a Bíblia *não é exclusivamente uma história afro*, pelo contrário, pensamos que se trata da revelação de Deus que inclui em sua forma e conteúdo aspectos de todos os povos circunvizinhos, e também daqueles que foram incorporados, tais como as cananéias Tamar e Raabe (Gn 38; Js 6.17), Urias o heteu (1Sm 11.3-26), a moabita Rute (Rt 1-4), os geteus (2Sm 15.18-22), militares etíopes (2Sm 18.32), mulheres egípcias e de outras nações (1Rs 11.1).

Nossas afirmações, como se compro-

va pelos textos assinalados, é que a Bíblia constitui uma produção que nasce do convívio de muitos povos. Agora existe uma segunda questão: é possível determinar aquelas partes ou conteúdo dentro da Bíblia elaborada pelos afro-descendentes? Sim, mas ainda não. Sim, no sentido de que já contamos com pesquisas que demonstram a africanidade de costumes, títulos sócio-político-religiosos, personagens e, no caso que nos ocupa, etnias. *Ainda não*, na perspectiva de que nossos esforços investigativos ainda estão em processo de construção – isso aceitamos com honradez. Por enquanto, nos sentimos felizes de poder responder àquela antiga pergunta que fez o teólogo africano Santo Agostinho de Hipona, quando escreveu: “Que tem que ver Jerusalém com Atenas?”. Nossa resposta é: Muito!, porque a Bíblia e a cultura israelita, segundo o Dr. Peter Nash, a Dra. Maricel Mena-López, o grupo Identidade e outros, são um produto afro-asiático; com respeito a Atenas, o historiador afro-norte-americano Martin Bernal, em seu livro *Black Athena*, demonstrou recentemente a base afro-asiática tanto da civilização clássica como da própria Atenas. Em ambos os casos, o princípio é o mesmo: olhar com olhos além dos olhos europeus, isto significa interpretar a partir dos referenciais conceituais-teóricos da história africana e de outros povos que fizeram parte da civilização mediterrânea.

2. Observações em perspectiva clássica de Gn 37-50

A história de José, cujo seu único sentido parece ser o de servir de fundo ao progresso da nacionalidade a partir de Jacó, agrupa em seu conjunto um tecido entre as fontes J e E, e também algumas fórmulas da fonte P. Pelas fissuras, duplicações e notas características, os especialistas têm identificado as procedências tradicionais das partes do texto segundo as fontes. No relato atual se podem constatar com relativa facilidade as fissuras que se dão nos contrastes bruscos e inesperados da vida de José. Observe-se: José, amado por Jacó e odiado pelos irmãos (1-4); reação de prudência no pai e de ódio nos irmãos ante um duplo sonho de José (5-11); enviado ao campo para visitar a seus irmãos, estes, ao vê-lo, maquinam sua morte e decidem deixá-lo morrer em uma cisterna vazia (12-24); venda de José a mercadores (25-28); enquanto os irmãos falseiam o fato ante Jacó, José é levado ao Egito e vendido a Potifar (29-36)⁶. Enquanto outros especialistas fazem um grande esforço para determinar que parte pertence a qual fonte, o reconhecido teólogo Gerhard von Rad se detém em ver que a história de José não está vinculada, como os ciclos patriarcais, a algumas sagas daqui e dali relacionadas com localidade de culto, terra, sucessão, unidas entre si pelo Javista, ou por qualquer outro antes. Para von Rad, na história de José estamos frente a uma novela que descreve cenas deslumbrantes, estados psicológicos complicados, desvinculados totalmente de lugares de culto ou pontos concretos. Esta história é

uma novela, segundo von Rad, criada por um círculo de intelectuais da corte que se tornaram conscientes de suas forças espirituais e de sua razão ordenadora, e entraram em seu campo visual dimensões novíssimas do mundo que os rodeia (dentro e fora), que a fé dos antigos ainda não havia percebido. Podemos concluir afirmando que para os especialistas não existe um acordo comum a respeito da procedência (fontes) da “história de José”. Uns tendem a fazê-la parecer um rosário de sagas mais ou menos tecidas; von Rad, por seu lado, entende que se trata de uma narração didático-sapiencial, tanto no tocante a seu ideal de formação quanto a seu pensamento teológico fundamental, dependendo de fortes estímulos que tinham partido do Egito. Existem também outros teólogos e biblistas, como Storniolo⁷, que não se interessam pelas fontes, nem pela procedência dos estímulos, mas a identifica de modo absoluto como um artifício salomônico que teve por objetivo único legitimar duas coisas: sua ascensão ao trono, sem ser ele o primogênito, e a odiosa exploração do povo.

3. Observações sobre Gn 37-50 desde a Negritude

Pelo menos duas fontes egípcias têm sido estudadas com profundidade e sua forma e conteúdo identificadas com a história de José: *Os dois irmãos* e, *Sinuhe o egípcio*. O conto *Os dois irmãos*, cujo fundo é mitológico, narra a história de dois irmãos: Anpu, o maior, que trata a seu irmão Bata como escravo. Os pontos de coincidência entre este conto e a

história de José são muito fortes, a saber, quatro elementos: a) Nos dois casos se trata de escravos (José e Bata); b) Nos dois casos, de forma exata, há uma recusa à mulher adúltera; c) Nos dois casos, a mulher adúltera usa a mesma estratégia e logra o mesmo efeito de expulsão, no caso de José para o cárcere e Bata consegue fugir; d) Nos dois casos, eles chegam a ser governadores do Egito⁸. As comparações entre *Sinuhe o egípcio* e a história de José se assemelham no conteúdo, que vai desde o exílio, alta posição no estrangeiro, até finalmente reconhecimento pelos seus. Percebemos também que na história de José há uma presença marcante de aspectos e traços de origem egípcia que denuncia ou desperta uma conexão elevada entre os escritores da história de José, as tribos de Efraim e Manassés e o Egito. Para somente citar alguns aspectos, observe-se: 1 – Nome egípcio “Asenat” = “dedicada à deusa Neith”; 2 – O costume da troca de nome, José passou a chamar-se “Zafnat-Panea” = “Deus tem falado e ele vive” ou “o que sabe as coisas”⁹; 3 – Os termos “prados” (41.2), “magos” (41.8), “linho”, “dobrar o joelho” (41.43) são do vocabulário egípcio; 4 – Os funcionários da corte egípcia, “copeiro”, “padeiro”, “governador (vizir)”; 5 – Importância dos sonhos e respeito aos intérpretes; 6 – Tabus e preconceitos (43.32, 46.34); 7 – Métodos feudais de governo (47.13ss); 8 – Gosto pelos costumes e usos do Egito, como o esplendor da corte dos faraós, armazenamento de trigo e práticas de embalsamamento dos cadáveres¹⁰.

4. Perguntas ainda não

respondidas e impressões

* A primeira impressão com respeito a Storniolo, também se aplica às demais propostas. A dúvida da veracidade da história de José decorre majoritariamente do conceito de história ocidental e de uma atitude racista que intenta anular a procedência africano-egípcia das tribos de Efraim e Manassés. Afirmando que a história de José é uma invenção artificialmente salomônica se erradica por completo a prova genealógica (histórico-biológica) que os/as negros/a utilizam para resgatar a africanidade de uma parte do povo de Deus na Bíblia.

* Tomando como certo as teses de que a história de José que o vincula as tribos de Manassés e Efraim é uma mescla de diversas fontes judaíta-israelitas (J, E e P), por que motivos apresentam essas duas tribos como descendentes da egípcia Asenat?

* Seguindo o raciocínio de von Rad, de que a história de José é uma criação de um círculo de intelectuais da corte, qual é a necessidade de ligar a origem dessas duas tribos, não somente a uma mulher egípcia, mas também a um sacerdote de On? Como é possível que Salomão, sendo membro da tribo de Judá, utilize em sua indumentária ideológica a figura de José que representa as tribos do norte, que já naquele tempo intentavam separar-se? Nesse sentido devemos deter-nos em 1 Reis 11, onde se explica a causa dos diferentes inimigos “que Deus levantou contra Salomão” (1Rs 11.23). Entre eles estava Jeroboão efrateu, líder da “casa de José” (1Rs 11.28), o qual se viu obrigado a

exilar-se no Egito até a morte de Salomão, mas depois regressou e foi consagrado rei por um profeta de Silo. Von Rad e Storniolo, quem teria partido do Egito, os estímulos ou as pessoas estimuladas a escrever essa história?

* Em que se parecem as duas tribos de Manassés e Efraim com os egípcios? Em que se parecem as duas tribos de Manassés e Efraim com os judaíta-israelitas?

* Se Salomão foi o autor intelectual da história de José, de nenhuma maneira aceitaria que a bênção dada por Jacó a Efraim e Manassés foi igual à pronunciada sobre Judá; compare a bênção de Manassés e Efraim (Gn 48.14-22) com a bênção de Judá (Gn 49.8-12).

* Na história de José em Gênesis 49.10, que faz parte da bênção à tribo de Judá da qual Salomão é membro, aparece um elemento histórico que corresponde ao início do Reino do Norte.

O cetro não se arredará de Judá

Nem o bastão de entre seus pés

Até que venha Silo

E a ele obedecerão os povos.

Este versículo denuncia a fragilidade do reino de Salomão e a irrupção na história do profeta Aías silonita, quer dizer de Silo, que veio para derrubar o governo de Salomão “de Judá” sobre a multidão dos povos do norte e a implantar um efraimita no trono (1Rs 12).

Conclusão

Consideramos de muito importância a participação dos e das biblistas na reconceitualização da história, porque sabemos da admiração e do respeito que o povo afro-Latino-americano tem pela

Bíblia e, por conseguinte, pelos/las biblistas, que em muitos casos utilizam o método histórico-crítico e não explicam a qual conceito de história se referem. Não se trata somente de mencionar ou tentar compreender o texto a partir dos sujeitos negros, mulheres, camponeses e pobres; além disso, o misterio radica na aceitação e trabalho sistemático com as categorias, esfera simbólicas e estrutura do mundo com os que os escritores sagrados articularam as condições em que viviam. Estamos conscientes do tempo que já passou desde que Pepito rasgou a Bíblia em partes para distribuí-las segundo a necessidade daqueles que o rodeavam, dos 36 anos da memorável assembléia do CMI em Upsala que propôs e dedicou muitos esforços e dinheiro na década de 80 para erradicação do racismo na Igreja¹¹, e dos dez anos que passaram desde que o filósofo cubano Raúl Fernet-Betancourt¹² insistia no reconhecimento da pluralidade interpretativa que deve-se tomar em conta ao falar da América Latina. Agora, no marco desta atividade da RIBLA sobre a temática afro-asiática na Bíblia, que entendemos como um sucesso, cremos que é uma grande oportunidade para recordar a condição e a cosmovisão dos afro-descendentes hoje na Afro-Latino-América e ontem dentro do texto bíblico. Nosso desafio, ao final, é, primeiro, reconhecer a forte labor de inclusão pluriétnica dos e das biblistas afro-latino-americanos, e, segundo, lançar o grito de estímulo para que se observe que conceito de história temos em mente quando nos aproximamos da Bíblia.

Notas

- 1 Teólogo cubano membro do grupo Identidade, e estudante da pós-graduação IEPG em São Leopoldo, Brasil.
- 2 CULLMANN, Oscar. *Cristo y el tiempo*. Barcelona: Estela, 1968.
- 3 Von Rad, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1973, p. 23.
- 4 Cf. SCHOPENHAUER, A. KIERKEGAARD, S. et al. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Agostinho, Espinoza et al. *Textos de hermenêutica*. Portugal: Rés, 1984.
- 5 MACHIAVELLI, Niccolo. *O pensamento vivo de Maquiavel*. São Paulo: Martins. 1968.
- 6 Cf. DEREK, Kidner. *Génesis. Introducción y comentarios*. Buenos Aires: Certeza, 1985, p. 216-217.
- 7 STORNILO, Ivo. A história de José do Egito ou a ideologia do reino de Salomão. *Revista Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus. Ano XXXVII, n.º.187. março-abril 1996, p. 2-6.
- 8 Cf. BARUCQ, B, COQUOT A, et al. *Escritos do oriente antigo e fontes bíblicas*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 108-109.
- 9 Cf. DEREK, Kidner. *Génesis. Introducción y comentarios*. Buenos Aires: Certeza, 1985, p. 122-140.
- 10 Cf. GIBSON, John C.L. *Gênesis II*. Buenos Aires: La Aurora, 1989, p. 316.
- 11 Cf. CELADEC. *¿Como enfrentar el racismo en la década del 80?*. Lima/Peru: CELADEC. 1980, ver PLR. *Las Iglesias frente al racismo en la década del 80*. Mexico: Casa unida de publicaciones. 1980
- 12 Cf. FERNET-BETANCOURT, Raúl, *Problemas atuais da filosofia na hispano-américa*, São Leopoldo: Unisinos, 1993. y, *Questões de método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*, São Leopoldo: Unisinos, 1994.

Está acontecendo

• O grupo Identidade, com o intuito de trabalhar junto às comunidades planejou um curso de formação de Agentes de Pastoral Negra, a ser desenvolvido em quatro etapas:

- 1ª. 28-29 de agosto de 2004
- 2ª. 30-31 de outubro de 2004
- 3ª. 05-06 de março de 2005
- 4ª. 04-05 de junho de 2005

Esta é uma iniciativa do Grupo Ataque, com quem estabelecemos uma parceria. Juntaram-se a esta iniciativa também a CNBB Sul e os Agentes de Pastoral Negra Nacional. O Curso tem como objetivo capacitar pessoas que despertam para a realidade negra nas comunidades, disponibilizando-lhes um conteúdo sistemático que permita uma ação eficaz junto às mesmas comunidades. Convidamos todas as pessoas interessadas.

Maiores informações serão fornecidas pelo nosso endereço eletrônico.

• Outra iniciativa de parceria que estamos empreendendo é com CENACORA, entidade comprometida com o combate ao racismo. Com este objetivo recebemos a visita do Rev. Sant'Ana no dia 6 de maio, sua visita pelo sul incluiu a Presidência da IECLB, a Reitoria da EST e o Departamento de Catequese da EST. Trata-se de uma iniciativa que envolve a Igreja em geral.

CARTAS



Caro/a leitor/a,

Como anunciado pelo colega Hênio de Almeida, estamos iniciando a seção de "cartas". Queremos agradecer às pessoas que nos enviaram pedidos de informações acerca do grupo e do boletim *identidade!*. Agradecemos, em especial, a Ella Arendt Mucenieks, do *Princeton Theological Seminary*, a Matthias Binder e Luiz Celso Soares de Araújo pelo interesse demonstrado. Vocês todos nos dão prova de que vale a pena o esforço e a labuta. Agradecemos a Ildo B. Gass por nos auxiliar a ter intercâmbio com outras pessoas que estão pesquisando a relação entre Bíblia e Negritude.

Pedimos que mantenham contato e que mais pessoas nos escrevam. Suas sugestões e críticas nos são bem-vindas.

Ezequiel de Souza

RAÍZES AFRO-ASIÁTICAS DO MUNDO BÍBLICO
Desafios para a exegese e a hermenêutica latino-americana

Painel com biblistas latino-americanos

Elisa Tamez: Universidade Bíblica Latino-americana/UBL - Costa Rica
Pablo Richard: Departamento Eclesiástico de Investigação/DEI - Costa Rica
Jorge Pixley: Seminário Batista - Nicarágua
Maria Chávez: Instituto Superior Eclesiástico Andino de Teologia/ISEAT - Bolívia
Nancy Cardoso Pereira: Universidade de Campinas/UNICAMP - Brasil
Milton Schwantes: Universidade Metodista de São Paulo/UMESP - Brasil
Maricel Mena Lopez: Escola Superior de Teologia/EST e FAPERGS - Colômbia/Brasil
Peter Nash: Wartburg University - Estados Unidos

Relançamento do livro "Abrindo Sulcos"

Local: Auditório do Colégio Sinodal
Rua Amadeo Rossi, 467 São Leopoldo/RS

Data: 02 de junho de 2004

Horário: 19h

Informações: (51) 590 1455 - Ramal 286

Apresentação cultural

Patrocínio:
EST
CEBI
Revista BÍBLIA
Grupo Identidade da EST

Apoio:
FAPERGS
CMI - Programa de Combate ao Racismo

Maricel Mena Lopez
Peter Theodore Nash

ABRINDO SULCOS

para uma teologia afro-americana e caribenha

Informações:

Editora Sinodal
Tel.: (51) 590-2366

CEBI - Tel. (51) 568-2560

EST - Tel.: (51) 590-1455